



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

ACUSADOR ACUSADO

Marcos Roberto Inhauser

O mundo conservador norte americano foi abalado nos últimos tempos com duas situações aparentemente esdrúxulas. A primeira delas, envolvendo o deputado republicano Mark Foley foi pego enviando e-mails sexualmente comprometedores para menores de idade. O curioso é que Foley chefiava a comissão para crianças desaparecidas e exploradas da Câmara e era do partido do presidente Bush, fiel apoiador de sua política e de sua pregação de valores da família. Era o acusador da perversão da homossexualidade, da pornografia e outras coisas do gênero.

A segunda, mais recente, envolveu o líder evangélico Ted Haggard, pregador de certa fama nos EUA e grande oponente aos casamentos homossexuais. Denunciado por um jovem que se dedicava a fazer programas, acabou confessando seu envolvimento e se declarando como grande mentiroso.

Ambos os envolvidos tinham em si a característica de serem ácidos acusadores de pessoas que tinham comportamentos não considerados normais pelos padrões religiosos que abraçavam. Acusadores, adeptos de uma religiosidade culpabilizante, acabaram acusados de práticas em que se notabilizaram como acusadores. A religiosidade culpabilizante, que vê pecado e perversão em cada esquina, tem um elemento que a psicologia e a psicanálise já tentaram explicar. Os acusadores inveterados veem pecado nos outros em um mecanismo projecional, onde, pela imaturidade ou incapacidade de reconhecer em si mesmos os pecados que veem nos demais, fica-lhes mais fácil acusar de tais práticas aos outros.

A religiosidade acusadora, tão característica de “pastores autocráticos” que se julgam acima do bem e do mal, que se julgam superiores aos demais, tem a característica de ser feita por pessoas que, via de regra, tropeçam na própria pregação. Assim foi com o moralista Jimmy Swagart, assim vem ocorrendo com os defensores do celibato envolvidos em grande número em casos de pedofilia, assim aconteceu com a pregação ética do PT, apanhado em flagrante delito de corrupção.

A religiosidade da graça, não centra sua prédica na fabricação de pecados, na acusação sistemática de erros na vida dos outros. Antes, ela entende que “aquele que está em pé, cuide para que não caia”. A graça entende que “na medida em que julgarmos, seremos julgados”. A graça carrega nos braços aos trôpegos. A justiça própria dos acusadores pisa na cabeça de quem está caído. A acusação mata, a graça ressuscita.